



Palavra de Jovem Rural

Encarte do Boletim Trabalhadores Rurais e Direitos de KOINONIA - Ano II - Nº. 9 e 10. SET/DEZ 2007 - ISSN 1981-7533

Editorial

Este Encarte Palavra de Jovem Rural, especial, oferece para a galera algumas reflexões interessantes. Traz duas pequenas análises sobre os desafios que representam os coletivos de jovens para as organizações camponesas e para os jovens camponeses. Trata-se de uma reflexão inicial que apenas aponta alguns dos achados desse modelo organizativo e indica possibilidades futuras deles. Há um relato sobre a experiência de articulação de jovens rurais no Rio de Janeiro. Na seqüência, há uma indicação do conjunto de ações culturais juvenis produzidas a partir do Curso de Formação de Agentes Culturais. O original é que os quadros foram elaborados e apresentados pelos monitores jovens. Um outro bloco oferece reflexões que foram feitas durante conexões na Internet, com jovens do Submédio São Francisco, sobre uma experiência de formação à distância utilizando programa de comunicação instantânea e sobre uma página interativa de conversa de jovens camponeses, o Blog Palavra de Jovem Rural. Finalmente, há uma série de notícias de interesse dos jovens camponeses. Aproveitamos para desejar a todas e todos um Feliz Natal, e um Ano Novo repleto de ações juvenis transformadoras em todas as áreas rurais no Brasil e na América Latina! Boa Leitura!

Movimento negro fará campanha por feriado nacional - Organizações do movimento negro querem tornar feriado nacional o dia 20 de novembro, data em que o ícone da resistência negra à escravidão, Zumbi dos Palmares, foi assassinado. A proposta foi discutida na 3ª Assembléia Nacional Congresso de Negras e Negros, realizada em São Paulo. Desde 1978, a data foi transformada em Dia Nacional da Consciência Negra pelo Movimento Negro Unificado.

Fonte: Site da IICA - <http://www.iica.org.uy>

Encontro de Juventude Ecumênica do Nordeste, 7 a 9 de dezembro em Salvador - Será realizado em Salvador (BA) e reunirá uma centena de jovens dos movimentos sociais do campo - em especial do Pólo Sindical das Trabalhadoras Rurais do Submédio São Francisco PE/BA e da Coppabacs-AL, das Comunidades de Terreiro de Candomblé de Salvador, das comunidades tradicionais quilombolas do Baixo Sul e das igrejas cristãs. O evento pretende reunir esforços para a formação de uma rede ecumênica de jovens do Nordeste em favor dos direitos juvenis. O encontro será promovido pelo Fórum Ecumênico Brasil e realizado por KOINONIA.

Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude - Nos dias 27 a 30 de abril de 2008 haverá no Brasil a primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude. É uma atividade da Secretaria Nacional de Juventude que deverá reunir mais de três mil jovens de todo o País. O processo preparatório foi iniciado agora no mês de novembro, com Conferências municipais e estaduais. Procure se informar e participar. Veja mais informações no site www.juventude.gov.br

VII Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente - O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) convocou a VII Conferência Nacional com o tema "Concretizar Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes: Investimento Obrigatório". A etapa nacional acontecerá em Brasília de 3 e 6 de dezembro e 2007. Conheça o texto base e as orientações gerais no site da Rebidia

Fonte: Site da Rebidia - <http://www.rebidia.org.br/>

Foro Electrónico Latinoamericano, Liderança juvenil para deter a AIDS, 5 e 15 de dezembro de 2007 - O evento foi convocado pela ALCACJ, Celaju, Inlatina e Relajur, com o apoio da Unesco. Para participar pode-se enviar artigos sobre o tema para o endereço eletrônico: gestion@joveneslac.org. Mais informações: www.joveneslac.org.



Jornada Ecumênica da Juventude, dia 1º de dezembro, (RJ), Será realizada no Hotel Rio's Presidente e reunirá uma centena de jovens dos movimentos sociais do campo, periferias urbanas, comunidades tradicionais quilombolas e das igrejas cristãs. O objetivo é animar a constituição de uma rede ecumênica de jovens do Sudeste em favor dos direitos juvenis. O encontro é uma promoção do Fórum Ecumênico Brasil e realizado por KOINONIA, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Programa de Formação e Educação Comunitária (Profec), Movimento dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra (MST) e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU). O evento faz parte do processo de construção das Jornadas Ecumênicas regionais.

Voluntariado para melhor compreender as ações juvenis camponesas sertanejas – O Programa TRD contou com o apoio de três voluntárias, estudantes do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para elaborarem relatórios para alguns dos municípios pesquisados em 2005, sobre os efeitos das ações juve-

nis para a superação da violência. Amanda S. B. da Costa, Mariana de Almeida Vieira e Priscila Dias Melin contribuíram, a partir do Rio de Janeiro, com os jovens camponeses do sertão nordestino. Os resultados de seus relatórios serão divulgados durante o ano de 2008 por meio deste Boletim, e serão enviados para os pesquisadores das cidades de Belém do São Francisco e Floresta – as duas primeiras a terem seus relatórios municipais. O trabalho de Amanda será divulgado pelo Boletim Virtual Drogas e Violência no Campo (<http://www.koinonia.org.br/bdv/>).

Atividades da juventude camponesa do Baixo e do Submédio São Francisco assessoradas por KOINONIA em 2007

Estas ações se realizam estrategicamente por meio das articulações realizadas pelo Pólo Sindical das Trabalhadoras Rurais do Submédio São Francisco PE/BA e pela Coppabaacs/AL.

- Assessoria às quatro reuniões do Coletivo de Jovens Camponeses do Baixo São Francisco;
- Assessoria às três reuniões do Coletivo de Jovens Camponeses do Baixo São Francisco;
- Intercâmbio de jovens camponeses pesquisadores do Submédio São Francisco no Rio de Janeiro;
- Participação de jovens camponeses do Baixo e do Submédio São Francisco no Fórum Social Nordestino, com intercâmbio com comunidades de terreiro atendidas por KOINONIA – com o apoio da CESE;
- Realização de trabalho com voluntários jovens estudantes de Ciências Sociais no Rio de Janeiro, em apoio aos jovens camponeses do Nordeste.
- Realização dos três módulos do Curso de Formação de Agentes Culturais do Baixo São Francisco;
- Realização dos três módulos do Curso de Formação de Agentes Culturais do Baixo São Francisco;
- Realização dos três módulos do Curso de Formação de Agentes Culturais do Submédio São Francisco;
- Realização de dois módulos de formação de multiplicadores em Saúde e Direitos, no Baixo São Francisco;
- Encontro de avaliação em comum dos dois cursos do Baixo e do Submédio São Francisco e com ex-cursistas para dar continuidade a ações municipais, com a participação de 70 jovens;
- Realização da Conferência Livre para CNPPJ com jovens do Baixo e do Submédio São Francisco;
- Participação de jovens camponeses do Baixo e do Submédio São Francisco no Encontro Ecumênico de Juventude do Nordeste.

Ações culturais de jovens camponeses sertanejos em 2007

O ano de 2007 teve a inovação de monitores jovens formando agentes culturais no Baixo e no Submédio São Francisco. 50 jovens de 13 cidades do sertão foram formados por Thiago Santos Gomes e Vanessa Gomes Barrero, em Alagoas; e Maria Nazaré da Conceição Silva e Raniere dos Santos, na Bahia e em Pernambuco. Temos, a seguir, a descrição das atividades previstas no curso de agentes culturais. O curso é desenvolvido em três módulos. O primeiro é sobre planejamento de ações culturais, construção de direitos humanos e afirmação do desenvolvimento rural sustentável e solidário. O segundo módulo, do qual se referem os quadros abaixo, discute o diagnóstico social que se produz

a partir do módulo anterior, e indica novas técnicas de planejamento, monitoramento e avaliação da ação. O terceiro e último avalia o resultado das ações e oferece técnicas de socialização de resultados. Neste ano, como se pode observar pelas

tabelas abaixo, as atividades foram planejadas em diferentes áreas. As ações culturais visam partir das experiências locais, fortalecendo os laços de solidariedade inter-geracional, o desenvolvimento rural sustentável e solidário e a incidência local. Foram ações nas áreas de geração de renda; conscientização em Direitos Humanos; Políticas Públicas para a Juventude; Ecologia e História do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais; Prevenção em DST/Aids; Desenvolvimento de lazer e cultura; e manejo sustentável. As ações prevêm atingir mais de 5 mil jovens das 13 cidades diretamente. Confira nas tabelas a seguir.



Encontro da juventude rural em Paulo Afonso (BA), novembro de 2007

Tabela 1: Ações Culturais Desenvolvidas no Baixo S. Francisco pelos Agentes Culturais

Município e responsável	Tipo de Ação Cultural	Objetivos	Público	Ações e atividades	Recursos e Responsável
Água Branca	Oficinas de artesanato com sementes	Incentivar os jovens a ganhar dinheiro com seu trabalho, através do artesanato.	25 Jovens da comunidade do Tabuleiro	- Convites e mobilização dos participantes - Articulação de coordenadores para as oficinas - Realizar as oficinas - Apresentar projeto	Sementes Cordão Verniz Leandro e Dinésia
Água Branca	Feira cultural com apresentação artística.	Incentivar jovens a desenvolver técnicas artísticas, a partir da cultura local.	30 jovens da comunidade Serra do Cavalo	- Mobilização dos jovens - Oficinas artísticas - Articulação de parcerias - Apresentação na feira cultural	Telas, pincéis, tintas, tecidos, roupas, violão. Fábio e Giovani
Inhapi	Encontro sobre Direitos Humanos, com show.	Conscientizar jovens para a formação de um grupo de pressão sobre Direitos Humanos.	100 jovens	- Divulgação - Busca de parcerias - Realização do Encontro - Show de encerramento	Fabina e Josinete
Olho D'Água das Flores	Criação de um GT para trabalhar artesanato de palha.	Incentivar jovens a gerar renda com a palha.	30 jovens	- Convites - Oficinas técnicas - Articulação de parcerias - Confecção de produtos - Formação do Grupo para vendas.	Naldiane
Pão de Açúcar	Oficinas temáticas sobre políticas públicas.	Fortalecer a visão dos jovens sobre os direitos.	3 mil pessoas	- Oficinas em Escolas e Centros Comunitários - Oficinas nas comunidades rurais	Oscar, Suzellane, Carla e Thaisa.
Ouro Branco	Palestras sobre DST/Aids e Direitos Humanos.	Conscientizar e formar grupos de pressão Trabalhar com a prevenção Discutir formas de garantir políticas de saúde de qualidade.	50 jovens em cada palestra. Total de três palestras.	- Divulgação - Preparação do material didático - Articulação de parcerias (Ongs e poder público) - Realização das Palestras	Cleide, Vaslmir, Jane, Gisélia, Anne, André, Valcilene, Damião, Jéferson, Zemdrizio.
Poço das Trincheiras	Formar grupos para realizar palestras sobre políticas Públicas.	Formar multiplicadores para despertar jovens para realidade do município. Conhecer os direitos	150 jovens	- Convidar e mobilizar jovens - Formar os grupos - Articular palestrantes - Articular parcerias - Realizar as palestras - Registrar	Transporte, material didático, alimentação e local. Resp.: cursistas
Pariconha	Palestra sobre direitos humanos.	Fortalecer as ações da juventude na luta por direitos.	30 jovens	- Bingo para arrecadar recursos - Articular público nas escolas e comunidades. - Realizar a Palestra	Som, cartazes, local e palestrante. Marcos

Fonte: Monitores do Curso de Formação de Agentes Culturais do Baixo São Francisco

Tabela 2: Ações Culturais Desenvolvidas no Submédio S. Francisco pelos Agentes Culturais

Município ou Comunidade	Tipo de Ação	Objetivo da Ação	Atividades	Recursos Necessários	Responsáveis
Itacuruba	Palestra sobre MST	Promover discussões sobre o movimento e renda familiar	Apresentação de entrevistas que serão realizadas com os reassentados	Material de divulgação	Eliete
Santa Maria da Boa Vista	Palestra sobre MSTR	Conhecer melhor o MSTR e como ele trabalha para que possamos ir à busca de nossos direitos.	Palestras e apresentação de grupos em homenagem a Fulgêncio.	Transporte e material de divulgação	Miriam e Simone
Orocó: Comunidade Casa Nova e Projeto Brigida	Palestra, torneio de futebol e seminário sobre a história da luta pelo reassentamento de Itaparica	Fazer com que os jovens tenham conhecimento de seus direitos e assim passem a reivindicá-los e regatar a auto-estima da juventude por meio da história de Itaparica.	Oficinas	Transporte, material de divulgação, material para as oficinas, premiação e divulgação nas rádios.	Edson e Natalisman.
Paulo Afonso	Gincana sobre a preservação da caatinga	Alertar a população sobre a importância do Raso da Catarina, criar uma campanha de reflorestamento e o fim das queimadas.	Peças e brincadeiras.	Material de divulgação, premiação, transporte, e material para registro	Edilza e Edinaldo.
Jatobá	Noite cultural com o tema: juventude e meio ambiente	Mostrar o quanto o meio ambiente é importante para a nossa sobrevivência.	Apresentações musicais, poesias, exposição de fotografias, debates, danças e dinâmicas.	Instrumentos musicais, materiais para registro, som, faixas e cartazes.	Joelma e Roberta
Belém do São Francisco	Palestra sobre agricultura familiar	Mostrar que as comunidades têm como melhorar suas condições agrícolas e conseqüentemente o lugar onde vivem.	Apresentações teatrais, debates, dinâmicas e forró pé de serra.	Transporte, material de divulgação, alimentação.	Maria e Janúbia.
Glória	Gincana com o tema: preservação do rio São Francisco	Conscientização da importância do rio para a nossa sobrevivência e, conseqüentemente, de diminuir a poluição.	Recolhimento de materiais recicláveis e outras provas.	Transporte, alimentação, som, premiação.	Sirleide, Laidiana, e Francisca
Chorrochó	Gincana sobre preconceito	Promover a discussão, promover a integração da comunidade tarrachiense, exercitar a cidadania, incentivar a criatividade e revelar talentos.	Teatro, dança, concurso de fantasia, poemas, interpretação musical.	Sonorização, cartazes para divulgação, material para registro, alimentação, local para hospedagem, premiação e transporte.	Wanderson, Margarida e Laise.
Rodelas	Oficina sobre agroecologia	Conscientizar os agricultores da importância do não uso do agrotóxico, de seus malefícios e como a agricultura orgânica pode nos ajudar para melhorar a nossas vidas.	Peças teatrais, vídeos, palestras e paródias	3 de novembro	Mireles e Islayne

Fonte: Monitores do Curso de Formação de Agentes Culturais do Baixo São Francisco

PJ Rêntrevista

Uma das iniciativas do Programa TRD, neste ano, foi promover cursos on line com grupos de jovens camponeses sobre temas de interesse da juventude rural. Foram promovidos cursos com jovens de Jatobá (PE); Santa Maria da Boa Vista (PE) e Belém do São Francisco (PE). O estágio desse modelo de ação é ainda inicial, mas o processo já tem duração de alguns meses. Abaixo seguem algumas conversas on line de avaliação desse processo.

Tema da conversa:

Encontro de jovens de Jatobá Online

TRD: Tenho três perguntas sobre o encontro com as jovens de Jatobá em agosto com o uso do MSN: 1- como foi (Quem estava presente? Qual foi o tema? O que as pessoas acharam?); 2- A reunião por MSN teve consequência (As pessoas falaram sobre ela? Os participantes comentaram com outras pessoas? Se sim, o que elas disseram?); 3- A reunião deixou vontade de continuar com a idéia?

Vania Tatiane*: Participaram Fernanda, Joelma, Roberta, eu e outra pessoa que não lembro o nome agora.

Vania Tatiane: O tema da reunião *on line* foi conhecer os espaços de juventude. E uma consequência é que as meninas estão participando do curso de multiplicadores (agentes culturais) e continuam no grupo jovem. Porém, eu não tive contato com todas elas.

Vania Tatiane: Após o encontro eu e elas comentamos com outras pessoas sobre a reunião, ficamos de ver outras pessoas para participar desse modelo de atividade, mas a localização delas, o lugar em que moram, e onde fica a *lan house* dificulta esse acesso. As meninas do sítio Santo Antonio queriam também. O problema é que elas não têm e-mail.

TRD: E ficou algum desejo de continuidade? Teve algum resultado a conversa daquele dia? O resultado foi o da participação delas no curso de multiplicadores?

Vania Tatiane: Sim. A vontade de continuar e participar do Coletivo de jovens do Pólo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco.

TRD: Há mais alguma coisa que você queira comentar sobre aquela primeira conversa? Como você se sentiu organizando o grupo para a conversa?

Vania Tatiane: Ficou a vontade de ampliar os espaços de participação e incentivar a participação dos jovens em busca de conhecimento dos direitos; e tentar articular o movimento da juventude camponesa.

Tema da conversa:

Blog Palavra de Jovem Rural (<http://palavradejovemrural.blogspot.com/>)

Uma outra forma de comunicação que tem sido usada neste ano de 2007 é o *Blog Palavra de Jovem Rural*, uma idéia que surgiu

durante o curso de formação de multiplicadores juvenis, no primeiro semestre deste ano. O blog tem sido utilizado por jovens rurais, sobretudo do Submédio São Francisco e do Baixo São Francisco. Ele está aberto a contribuições de jovens de todo o País. Seu papel é difundir reflexões e vivências dos próprios jovens camponeses, sobre seus sonhos, desafios, esperanças e angústias. Abaixo algumas conversas sobre essa experiência.

TRD: O que você acha do Blog Palavra de Jovem Rural? Já visitou? Quantas vezes? O que você achou de escrever para o Blog? Como uma jovem camponesa vê o papel de um blog de jovens rurais para o seu trabalho?

Vania Tatiane: É um importante espaço alternativo de produção de conhecimento que temos para valorizar nossa cultura camponesa tão discriminada. Muitas vezes visitei e nem sei o quanto li as atualizações. E quando falei [escreveu para o Blog] me senti valorizada, ao escrever o que senti ao realizar experiência ímpar para minha vida e poder criar e dividir esse conhecimento.

Acreditar que podemos fazer diferente e tentar semear esse sentimento através desse espaço, também valorizar o que meus amigos escreveram e divulgar, já que a mídia não tem interesse em mostrar as alternativas que vão de encontro com o sistema imposto, a cultura neoliberal, que só prejudica a classe trabalhadora e em especial as camponesas e camponesas. A contribuição desse blog vai além das pesquisas, mas evidencia o nosso trabalho, que cientificamente não é de muito valor. Só a juventude que esta inserida nesse processo pode dizer o quanto isso contribui

para a vida, e jovens que são autônomos que buscam alternativas e acreditam num mundo melhor. A realização desse trabalho contribui singularmente com a transformação social que tanto buscamos, em especial as mulheres sertanejas que sempre foram vítimas do machismo, preconceito e submissão, ou seja, tanto da violência física como simbólica. Posso dizer como universitária que apesar do espaço educacional estamos na frente, pois estamos diretamente em contato com o saber popular que é de fato nosso, vivemos e não reproduzimos. Produzimos conhecimentos que têm valor inestimável.

Isabel Cristina*: O Blog Palavra de Jovem é um dos melhores meios da juventude rural se expressar, estar se colocando, falando de como se sente e o que vem desenvolvendo no seu município. Adorei esse blog. Sem falar que é uma forma de mostrar a nossa realidade e descobrir talentos. Todos os dias eu vejo [visita o blog] para ver as novas informações que estão na telinha. Eu não escrevi nada no Blog, mas li o relato de duas jovens que escreveram. O papel do blog é ótimo, pois incentiva aos jovens a darem uma maior importância para o movimento social. Pelo menos aqui no município [Belém do São Francisco] os jovens que acessaram ficaram empolgados, ambos ficaram curiosos para saber como participar. Ficaram as perguntas? Eu posso mandar texto falando da roça do meu pai? Eu trabalho e também posso escrever? Eles viram que não era fantasia, pois as meninas daqui da cidade estavam lá no blog?

*Vania Tatiane é Agricultora e estudante de pedagogia na Unep/ Paulo Afonso.

*Isabel Cristina é secretária de Mulheres do STR de Belém do São Francisco.

Um relato latino-americano sobre o Blog:

“Quiero felicitar a los promotores de Palabra de Joven Rural por ser un espacio para expresar, para mantener informada a la comunidad sobre las acciones y las oportunidades existentes. Hay pocas experiencias en internet que sea de jóvenes rurales para jóvenes rurales, desde RELAJUR (www.iica.org.uy/redlat) los alentamos a seguir colaborando en la visualización de la juventud rural.”

H. Daniel Espindola, Secretario Técnico de la Red Latinoamericana de juventudes Rurales-RELAJUR

“Quero felicitar aos promotores do Palavra de Jovem Rural por ser um espaço para expressar, para manter informada a comunidade sobre as ações e as oportunidades existentes. Existem poucas experiências na internet que sejam de jovens rurais, a partir da Rede Latinoamericana de juventude rural (www.iica.org.uy/redlat) lhes estimulamos a permanecer cooperando com a visualização da juventude rural.”

Início de uma experiência: jovens camponeses do RJ

Priscila Chagas *

KOINONIA assessorou a Federação de Trabalhadores na Agricultura do Rio de Janeiro (Fetag/RJ) para a formação de uma Comissão Estadual de Jovens Rurais. O encontro aconteceu em Araruama, Região dos Lagos, e contou com a participação e assessoria de Maria Elenice Anastácio, Coordenadora da Comissão Nacional de Jovens Rurais da Contag. Para que o encontro fosse realizado a Fetag/RJ contou com o apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-RJ), que foi representado pelo educador Marcos André Ravizzini Lima. Esteve presente durante todo o encontro o presidente da Federação, Manoel Barboza, que indicou a importância política para o sindicalismo rural do Rio de Janeiro. O encontro contou com a participação de 40 jovens de todas as cinco regiões do estado do Rio de Janeiro atendida pela Federação. Todas as dinâmicas visavam identificar a situação dos jovens camponeses no Estado e verificar como eles se auto-identificavam como juventude camponesa e que visão tinham do Movimento Sindical das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais.

De forma participativa, os jovens foram pouco a pouco se entrosando. Para facilitar esse processo formaram-se equipes de serviço para o encontro. Foi usada a dinâmica Zip, Zap, Zoom para que os jovens se vissem em suas condições de gênero, laboral, educacional, na sua relação com a terra. Notou-se dificuldades na lógica daquelas e daqueles jovens camponeses em perceberem como jovens rurais. Isso pode ser devido aos preconceitos vinculados à identidade rural: atraso, pobreza, dureza de vida; bem como às transformações socioeconômicas pelas quais passa o universo da agricultura familiar no Rio de Janeiro.

E isso ficou claro nas ambigüidades das falas sobre o que é ser jovem rural e das imagens que adultos teriam sobre eles. No primeiro caso afirmava-se que ter acesso à terra, poder ter lucro com ela, defender os ideais dos trabalhadores rurais eram valores, que disputavam com anti-valores, tais como sofrer discriminação, não ter acesso à cultura, ser explorado. Em relação à visão dos adultos diziam que ela era negativa: “jovem rural é desinteressado, sem capacidade de liderança, desmobilizado, desorganizado, sem futuro, necessita sair

da área rural.” Aliás, a perspectiva negativa da visão dos adultos predominava sobre as indicações positivas, apenas duas em nove.

Procurou-se aprofundar a leitura da identidade rural da juventude camponesa assistindo e discutindo o vídeo *Meninos da Roça*, de Beto Novaes. Essa atividade permitiu ter um retrato das condições de vida e trabalho dos participantes do encontro. Seguiu-se um conjunto de reflexões feito por meio de dramatizações. Nelas os jovens experimentaram a possibilidade de pensar e realizar alternativas. Pareceu ter ficado o sentimento de ser sujeito, de ter autonomia e de ter condição de enfrentar os desafios impostos pelas condições

sociais do mundo rural. Em seguida, assistimos ao vídeo sobre o projeto Jovem Saber e sobre as propostas de Educação do Campo elaboradas pela Contag. Seguiu-se a isso uma apresentação sobre a conjuntura nacional da juventude rural. (*Box com Resumo da exposição apresentada por Elenice*).

O encontro foi concluído com a indicação da Comissão de Jovens do Estado do Rio de Janeiro, composta por nove jovens, dos quais temos os seguintes nomes por região:

- Norte: Eduardo e Vanessa;
- Noroeste: Leilson e Jocimar;
- Baixada: Rodrigo;
- Lagos: Renata e Gilton;
- Serrana: Fabiano e Simone;

Conjuntura nacional da juventude rural:

Durante o encontro Maria Elenice Anastácio, Coordenadora da Comissão Nacional de Jovens Rurais da Contag, fez uma apresentação sobre a Conjuntura Nacional da Juventude Rural que segue de forma resumida abaixo:

No ano de 1985 foi realizada uma pesquisa pela Contag em parceria com a CUT (Central Única de Trabalhadores) na qual percebeu-se que o campo e as práticas do Movimento Sindical estão envelhecendo juntos. A partir dessa pesquisa pôde-se perceber que há um grande êxodo rural principalmente por parte de mulheres jovens. Uma das questões percebidas, também na pesquisa, foi que os homens vão para a cidade com intenção de voltar, o que não acontece no caso das mulheres. Além disso, a pesquisa apontou que deveríamos pensar em novas práticas, principalmente, em um desenvolvimento rural que fosse sustentável e que despertasse o interesse dos jovens. Dessa forma, também deveríamos pensar em uma educação que valorizasse o Campo, já que a escola constrói uma idéia de que o campo é atrasado e acabamos assim por sermos discriminados.

A causa do êxodo rural que envolve jovens é, normalmente, a busca por um futuro melhor, práticas de esporte e lazer. A opção de lazer na zona rural é restrita e não há espaços para a prática de esportes. Os políticos, em época de eleição, utilizam bandas de

forró, como Calypso, para atrair a participação de jovens da região. Em contrapartida o investimento em educação é mínimo e o acesso à saúde é restrito.

Atualmente a estrutura dos sindicatos rurais não inclui trabalhos com a juventude, o que acontecia em alguns lugares, há alguns anos atrás. Alguns jovens participaram ativamente da história do Movimento Sindical. Porém esses jovens envelheceram e se perpetuaram no poder. Assim, como trazer a juventude para participação? Em 1999 instituiu-se a Comissão Nacional da Juventude que teve como primeira Coordenadora Simone Battestin.

A Contag e a Unicef realizaram uma pesquisa para conhecer a juventude rural. O estudo mostrou que a juventude rural não tem opção de decisão. Apesar de trabalhar na produção familiar, esses jovens não são remunerados. A pesquisa também apontou que a maioria dos jovens, dos 14 aos 29 anos, são analfabetos. Outro dado foi que a maioria desses jovens já sofreu alguma violência, não só violência de espancamento como violência sexual. Esses atos não foram denunciados. Observou-se que a violência era praticada pela família. Inúmeras meninas foram violentadas pelos pais, irmãos e tios. Muitas vezes, os meninos são violentados por parentes próximos.

As opções de divertimento dos jovens são: em primeiro lugar, namorar; em segundo lugar, ver televisão; e em terceiro lugar, beber. Inúmeros jovens bebem todos os dias.

* Priscila Chagas é assistente do Programa Trabalhadores Rurais e Direitos

Coletivos de jovens, uma aposta de organização e seus desafios

J. Afílio Silva Iulianelli e Quitéria Maria Silva Ferreira*

Há mais ou menos dez anos, na região do Submédio São Francisco, KOINONIA iniciou sua assessoria político-pedagógica aos movimentos juvenis associados a organizações tradicionais no sertão nordestino. Essa experiência teve início com a assessoria demandada pelo **Pólo Sindical das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco**, o Pólo. Sediado na cidade de Petrolândia (PE), ele aglutinou Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), da Bahia e de Pernambuco, em primeiro lugar, em função da luta pelo reassentamento irrigado de seis mil famílias de atingidos pela Barragem de Itaparica (UHE Luiz Gonzaga). As principais lideranças, à época, eram jovens: seu Messias, seu Fulgêncio e, também, Ademar, Eraldo, dentre outros. Entretanto, entre 1979 até 1997 não houve por parte do Pólo nenhuma política de formação dirigida especialmente à juventude camponesa. Esta reflexão está dividida em duas partes: Na primeira, se faz um resgate do processo pedagógico da construção do Coletivo de Jovens do Pólo. Nessa parte se analisa como e porque foi constituído o Coletivo, o seu papel e funcionamento e alguns de seus desafios. Na segunda parte, se analisa como está ocorrendo a replicação dessa experiência no Baixo São Francisco, em Alagoas, com um conjunto de organizações sociais camponesas e de serviço de assessoria a camponeses, articulado pela Cooperativa de Banco de Sementes (Coppabacs). Nessa parte é realizada uma análise sobre as dificuldades e os processos de superação que se vem buscando realizar com essa experiência.

Como nasceu, se organiza e funciona o Coletivo de Jovens do Pólo

Em 1997, quando iniciamos as conversações sobre uma ação educativa de formação política e cidadã dirigida à juventude, fazíamos isso em sintonia com as discussões no interior do Movimento Sindical de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais (MSTTR), em especial a do sistema Contag (Confe-

deração Nacional dos Trabalhadores na Agricultura). Naquele período se iniciava a discussão da necessidade de uma atenção específica à formação juvenil nas áreas rurais, também com vistas à formação de quadros para o MSTTR. Entretanto, era um período no qual as discussões sobre juventude tomavam três direções fundamentais. Em primeiro lugar, havia uma série de estudos para a superação do paradigma “juventude = carência e problema”, era a busca de superação do tema da delinquência juvenil, tão marcado, também no Brasil, pelos estudos da Escola de Chicago. Em segundo lugar, havia uma identificação da juventude com a urbanidade, o que era fruto da hipótese dos processos de

“O segundo desafio foi atender à necessidade lúdica e cultural que a juventude rural camponesa trazia.

Os espaços rurais são ainda mais que os urbanos desprovidos de equipamentos ou mesmo de lógicas de uso para o lazer sistemático e apropriado pela juventude.”

modernização implicarem na eliminação dos espaços tradicionais, em especial os espaços religiosos e rurais. Em terceiro lugar, havia uma série de indicações demográficas da constituição de uma *onda jovem*, ou seja, da população juvenil, em especial a população com a faixa etária dentre 15 e 24 anos, ultrapassar os outros segmentos etários.

Não havia, por conseguinte, um modelo de formação sócio-política para a juventude, em áreas rurais, preestabelecido, para além das velhas propostas de formação de quadros políticos. Estávamos por criar com aquela juventude uma experiência que poderia ter caráter exemplar. Tínhamos dois elementos importantes a considerar como o meio ambiente no qual essa relação formativa iria se constituir. Primeiro, tratava-se de assumir as histórias daquelas jovens e daqueles jovens e de suas famílias, em especial o fato de serem *conquistadores de reassentamento irrigado no sertão*.

Em segundo lugar, estavam num entroncamento das mais importantes questões nacionais: a questão energética (barragens), a questão hídrica (Polígono da Seca) e viária (hidrovias), a questão da política de segurança pública (Polígono da Maconha, cadeia produtiva das drogas). Naquele ano de 1997 a medição das taxas de mortalidade juvenil por causas externas, motivada por uso de armas de fogo, indicava que o município de Floresta (PE), estava numa situação pior que o de Diadema-SP; e toda a região do Submédio São Francisco, em relação a esse fator estava num nível superior ao nacional.

Não havia sequer uma estrutura autônoma de organização de liderança juvenil a partir do próprio Pólo Sindical. Isso motivou a criação, no interior da Secretaria das Mulheres, de um Departamento de Jovens. Esse departamento tinha por missão organizar e mobilizar as juventudes dos municípios da base de atuação do Pólo em função das lutas sociais que esta organização de articulação camponesa, no sertão nordestino, devia desempenhar. Nossa intuição foi seguir alguns dos parâmetros básicos da educação popular. Assim, em primeiro lugar, coube nos conhecer as juventudes com as quais atuaríamos e identificar as visões de mundo e demandas por ações sociais que elas possuíam. Num processo dialógico notamos três desafios: O primeiro deles era o de agregar uma juventude dispersa por vários municípios a partir da lógica do MSTTR. Essa juventude camponesa que se agregava à proposta advinha, sobretudo, dos segmentos da pastoral popular romano-católica na região. O modelo de organização pretendido não era orientado religiosamente. Uma outra parte da juventude era agregada a partir da experiência de Assistência Técnica e Extensão Rural que fora desenvolvida nos reassentamentos irrigados de Itaparica; essa parcela já havia experimentado ações educativas de caráter popular. Finalmente, havia uma pequena parcela oriunda da experiência de formação político partidária, sobretudo do Partido dos Trabalhadores, e essa parcela tinha realizado poucas reflexões

sobre as relações entre a condição juvenil e a identidade camponesa.

O segundo desafio foi atender à necessidade lúdica e cultural que a juventude camponesa trazia. Os espaços rurais são ainda mais que os urbanos desprovidos de equipamentos ou mesmo de lógicas de uso para o lazer sistemático e apropriado pela juventude. O que há de exceção são os espaços masculinos dos campos de futebol, e os espaços escolares de difusão desportiva, por um lado. Por outro lado, as aglutinações nos bares/botequins para beber e, quando possível, cantar e dançar. Terminam por ser um forte motivo agregador – das juventudes e das populações locais, em geral – os festejos municipais, as apresentações de bandas (de forró, sobretudo). Momentos estes, também, de alto consumo alcoólico e de outras drogas e de espaço de afirmações afetivo sexual. São os momentos de explosão da libido, e paralela e contraditoriamente, da violência letal. Assim, o desafio de identificar a possibilidade de formulação de políticas de lazer e cultura se mostrava gritante. Um terceiro desafio era notar a necessidade de aprender com a juventude as suas demandas específicas de jovens camponeses. Identificar os dilemas do trabalho agrícola, a ansiedade e angústia do acesso à terra, as questões de saúde pública, como o uso de agrotóxicos, as questões de educação, como a especificidade de uma educação do campo que superasse o paradigma urbanocêntrico. Ademais, também o espaço rural, como territorialidade participante dos processos hegemônicos da sociedade brasileira e mundial, traz a tensão entre tradicionalismo e resistência cultural versus transformações sócio-econômicas aceleradas, com impactos na composição da estrutura familiar, da empregabilidade, do acesso e uso das novas tecnologias de comunicação e informação.

Isso fez com que a constituição do Coletivo buscasse oferecer um espaço deliberativo das ações juvenis camponesas no interior do Pólo. Porém, isso implicava em construir esse espaço a partir da constituição do Pólo. Então, houve a necessidade de que os STRs fossem os intermediários entre as jovens lideranças e sua participação no Coletivo. Efetivamente, os participantes do Coletivo eram indi-

cados pelos STRs, arbitrariamente. Ou seja, não há por parte dos STRs nenhum instrumento de consulta às organizações juvenis existentes nos municípios para selecionar e arregimentar essas lideranças que participam como *delegadas* pelos STRs no Coletivo de Jovens do Pólo. Porém, em geral, essas lideranças juvenis indicadas advêm de coordenações de trabalhos juvenis da igreja romano-católica nas dioceses da região (Paulo Afonso e Floresta). Isso já lhes oferece algum instrumento de educação popular, o que é um elemento facilitador.

Notemos, então, o que ocorre em termos de organização e organicidade do Coletivo de Jovens do Pólo. Ele nasce com o papel de responder aqueles três desafios mencionados acima., a saber, agregar juventudes diversas e dispersas; construir ações sóciopolíticas que possibilitem promover políticas de cultura e lazer e políticas de promoção de uma identidade juvenil camponesa e sertaneja. É formada com um papel deliberativo, conseqüentemente. Porém, é estruturado de forma desarticulada com as juventudes locais (municipais), porque são fruto de indicações diretas e sem consulta dos STRs às organizações juvenis locais. Esse modelo de formação do Coletivo de Jovens do Pólo ainda não se modificou. Talvez aqui tenhamos uma explicação para a falta de organicidade entre o MSTTR e a juventude camponesa. A desarticulação é vício de origem. Ainda que as lideranças juvenis escolhidas sejam lideranças em seus municípios, isso não é incorporado como um valor para os STRs que, na maioria dos casos, com honrosas exceções, não vinculou a juventude às suas discussões e lutas políticas, e nem assumiu, ainda, as agendas de lutas políticas das juventudes camponesas na região.

Além disso, especialmente em relação aos STRs de Pernambuco, a partir de 2005, houve uma certa mobilização para a participação no processo estadual de articulação da juventude rural, feita pela Fetape, em consonância com a Contag. Isso levou os STRs ligados ao Pólo, desse estado, a participarem mais efetivamente daquela articulação. Porém, isso não significou necessária e prioritariamente, a incorporação das experiências e resultados alcançados pelo Coletivo de

Jovens desde 1997 no discurso político quer dos jovens camponeses, quer dos sindicalistas, que participaram da articulação. E houve experiências tão impactantes que parecem ter deixado marcas no modelo de desenvolvimento das ações com a juventude camponesa desenhado pela Contag e pela Fetape.

De fato, a primeira ação decidida pela primeira configuração do Coletivo de Jovens do Pólo, em 1998, foi a realização de uma atividade lúdica de massa, com a seguinte intenção: divulgar a existência de uma ação com jovens camponeses a partir do MSTTR e constituir articulações entre as experiências juvenis existentes na região – por isso, logo no início das ações foi feito um levantamento dessas experiências existentes. Essa primeira atividade lúdica foi uma Olimpíada da Juventude Rural. Ela mobilizou ao todo mais de três mil jovens na região. Não apenas divulgou que havia uma ação com jovens camponeses a partir do MSTTR, como trouxe a discussão sobre o papel das municipalidades na construção de políticas públicas para a juventude na região. Um dos efeitos mais notáveis foi elevar a auto-estima do próprio Pólo, que à época enfrentava dissabores enormes com as ações de reforma agrária do governo Fernando Henrique Cardoso.

Na seqüência das ações promovidas pelo Coletivo optou-se por realizar aglomerações de menor porte. Assim, as ações seguintes foram Gincanas e logo depois Festivais Culturais. Passamos de Gincanas para a realização de Festivais por uma reflexão provocada por um ator externo ao processo, a Cese, sobre o caráter anti-pedagógico de ações competitivas, como as Gincanas. Porém, o modelo Gincana Cultural, permaneceu no ideário da juventude camponesa e veio a ser realizado posteriormente na construção de atividades municipais. Durante todo este segundo momento, manteve-se uma interação da diretoria do Pólo com as ações juvenis, porém com menor intensidade. Isso mantinha a existência do Coletivo de Jovens como uma espécie de apêndice do Pólo. Por outro lado, além desse processo de construção de ações sócio-educativas de caráter lúdico, iniciou-se

nessa etapa processos formativos sobre temas de interesse do Pólo (história do movimento sindical rural, história do Pólo, lutas de Itaparica) e da juventude camponesa (agroecologia, educação ambiental, prevenção a dst/Aids, educação do campo, etc).

Assim, a estrutura do Coletivo de Jovens se mantinha, todavia, os jovens delegados que participavam eram substituídos. Por substituição natural, por motivos diversos, migração, desistência, alteração de status, etc. Esse é um outro elemento complicador do funcionamento do Coletivo de Jovens. Além disso, inexistia um mandato de representação dos jovens participantes do Coletivo. E, como eles são indicados pelos STRs, sua permanência no Coletivo depende também das relações políticas locais – e isso pode implicar, até mesmo, em substituições de jovem indicado a ser o Coordenador do Departamento de Jovem. Este é o Coordenador do Coletivo, é nomeado pelo Pólo como Coordenador do Departamento e participa, ainda que virtualmente, da Coordenação do Pólo – a pessoa que coordena o Departamento de Jovens não é parte da diretoria eleita do Pólo, que tem mandato de três anos, porém é selecionado por essa diretoria e a acompanha por todo o mandato.

Isso nos faz refletir um pouco mais em como e porque há uma grande distância entre os processos políticos sindicais nos municípios, as lutas políticas do Pólo e a observação do papel que a juventude camponesa nela desempenha – de forma integrada à existência e ação do Coletivo de Jovens. Para concluir essa parte da reflexão é necessário observar que tanto a existência do Coletivo de Jovens, como um espaço deliberativo, que agrega jovens de diferentes procedências (municipais e ideológicas), tem sido, apesar desses

desafios de sua democratização por se fazer, uma experiência enriquecedora. Isso tanto para os jovens como para o MSTTR, que, mesmo com todos esses limites, tem logrado receber quadros mais qualificados para a atuação na gestão sindical, e atores políticos mais conscientes para fazer valer a cidadania e os direitos no Submédio São Francisco.

Replicando e buscando aprimorar uma experiência: o Coletivo de Jovens no Baixo São Francisco

A experiência político-pedagógica do Coletivo de Jovens se mostrou realmente significativa para fazer com que as ações juvenis sejam planejadas, realizadas, avaliadas e socializadas pela própria juventude. Como espaço deliberativo, de fato, o Coletivo de Jovens permite que inexistam ações juvenis, construídas a partir dessas organizações que os arrematam, na região sem que elas não tenham a marca desse protagonismo juvenil popular. E isso é uma questão muito enriquecedora do processo. Mesmo com todas as dificuldades estruturais, no caso do Pólo, apresentadas acima, o Coletivo é um espaço de decisão política dos jovens e o Pólo tem, a nosso ver, sabiamente, acolhido essas iniciativas.

Isso fez com que emergisse uma proposta de formação sistemática para a juventude camponesa. Essa proposta privilegia a formação de agentes culturais que contribuam com a promoção dos direitos humanos e o desenvolvimento rural sustentável e solidário. Foi criado, por proposta dos jovens, o curso de formação de agentes culturais. Esse curso terminou por articular juventudes do Submédio e do Baixo São Francisco, Essa articulação levou à necessidade de se pensar como articular as juventudes camponesas naquela região. E, imediatamente, o modelo do Coletivo do Pólo se apresentou como uma possibilidade.



Curso de Agentes Culturais em Petrolândia (PE), em 2007.

Efetivamente, o Coletivo de Jovens Camponeses do Baixo São Francisco é constituído a partir de nomeações que vêm das organizações municipais que agregam jovens lideranças. A diferença é que essas jovens lideranças têm vínculo orgânico com essas instâncias, eles não são indicados porque estão nos municípios e são lideranças juvenis, sem contato com as organizações locais. Eles participam de alguma dimensão dessas organizações e por isso são indicados. E este fato pode tornar muito diferente o funcionamento desse outro Coletivo.

A experiência do curso de formação de agentes culturais se manteve. Ela é uma das ações privilegiadas pelos dois Coletivos. Efetivamente eles acompanham os processos gerados a partir das diferentes edições desses cursos. Atualmente o curso é oferecido por monitores jovens, da própria região. O curso e o Coletivo do Baixo São Francisco procuram, como o Coletivo e as ações que foram desenvolvidas no Submédio São Francisco, responder aqueles três desafios elencados na seção anterior, agregar diferentes juventudes camponesas; responder à demanda por políticas públicas de cultura e lazer; e responder ao desafio da identidade camponesa. Estamos dando passos muito sustentáveis e substantivos para atender tais demandas.

* Jorge Atilio Silva Iulianelli e Quitéria Maria Silva Ferreira são assessor e assistente do Programa Trabalhadores Rurais e Direitos.

EXPEDIENTE

Encarte produzido pelo Programa Trabalhadores Rurais e Direitos de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Secretário Executivo de KOINONIA
Rafael Soares de Oliveira

Coordenador do Programa Trabalhadores Rurais e Direitos e editor do boletim
Jorge Atilio Silva Iulianelli

Assistentes Editoriais
Maria Priscila Lisa das Chagas | Quitéria Maria Silva Ferreira

Pesquisas

Andréa Carvalho de Oliveira

Redação e Revisão

Manoela Vianna | Helena Costa

Diagramação e Impressão

Editora Fonte Viva



Rua Santo Amaro, 129 - Glória - Rio de Janeiro/RJ
Tel: (21) 2224-6713 - Fax: (21) 2221-3016
e-mail: trd@koinonia.org.br - site: www.koinonia.org.br